



A arte de Francisco Brennand
na Corregedoria-Geral da Justiça

Recife, julho de 2022

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO BIÊNIO 2022-2024

Mesa Diretora

Presidente: Des. **Luiz Carlos de Barros Figueiredo**

1º Vice-Presidente: Des. **Antenor Cardoso Soares Júnior**

2º Vice-Presidente: Des. **Antônio de Melo e Lima**

Corregedor-Geral da Justiça: Des. **Ricardo de Oliveira Paes Barreto**

Diretoria do CEJ

Diretor: Des. **Alfredo Sérgio Magalhães Jambo**

Vice-Diretor: Des. **Evandro Sérgio Netto de Magalhães Melo**

Desembargadores do TJPE

Des. Jones Figueirêdo Alves

Des. Bartolomeu Bueno de Freitas Moraes

Des. Fernando Eduardo de Miranda Ferreira

Des. Frederico Ricardo de Almeida Neves

Des. Leopoldo de Arruda Raposo

Des. Marco Antônio Cabral Maggi

Des. Adalberto de Oliveira Melo

Des. Fernando Cerqueira Norberto dos Santos

Des. Luiz Carlos de Barros Figueiredo

Des. Alberto Nogueira Virgínio

Des. Antônio Fernando Araújo Martins

Des. Ricardo de Oliveira Paes Barreto

Des. Cândido José da Fonte Saraiva de Moraes

Des. Antônio de Melo e Lima

Des. Francisco José dos Anjos Bandeira de Mello

Des. Antenor Cardoso Soares Júnior

Des. José Carlos Patriota Malta

Des. Alexandre Guedes Alcoforado Assunção

Des. Eurico de Barros Correia Filho

Des. Mauro Alencar de Barros

Des. Fausto de Castro Campos

Des. Francisco Manoel Tenório dos Santos

Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio

Des. Antônio Carlos Alves da Silva

Des. Francisco Eduardo Gonçalves Sertório Canto

Des. José Ivo de Paula Guimarães



Des. Josué Antônio Fonseca de Sena

Des. Agenor Ferreira de Lima Filho

Des. Itabira de Brito Filho

Des. Alfredo Sérgio Magalhães Jambo

Des. Jorge Américo Pereira de Lira

Des. Erik de Sousa Dantas Simões

Des. Stênio José de Sousa Neiva Coêlho

Des. André Oliveira da Silva Guimarães

Des. Itamar Pereira da Silva Júnior

Des. Evandro Sérgio Netto de Magalhães Melo

Desa. Daisy Maria de Andrade Costa Pereira

Des. Eudes dos Prazeres França

Des. Carlos Frederico Gonçalves de Moraes

Des. Fábio Eugênio Dantas de Oliveira Lima

Des. Márcio Fernando de Aguiar Silva

Des. Humberto Costa Vasconcelos Júnior

Des. Waldemir Tavares de Albuquerque Filho

Des. José Viana Ulisses Filho

Des. Sílvio Neves Baptista Filho

Des. Demócrito Ramos Reinaldo Filho

Des. Évio Marques da Silva

Des. Honório Gomes do Rego Filho

Des. Ruy Trezena Patu Júnior

Des. Isaías Andrade Lins Neto

Des. Paulo Romero de Sá Araújo

Des. Gabriel de Oliveira Cavalcanti Filho

P452a Pernambuco. Tribunal de Justiça. Centro de Estudos Judiciários. A arte de Francisco Brennand na Corregedoria-Geral da Justiça / Tribunal de Justiça de Pernambuco. Centro de Estudos Judiciários. – Recife: O Tribunal, 2022.

100p.: il.

ISBN 978-65-86365-06-1

1. Tribunal de Justiça - Pernambuco - História. 2. Corregedoria-Geral da Justiça - Pernambuco - Patrimônio Artístico. 3. Artista Plástico - Francisco Brennand - Biografia - Entrevista. I. Título.

CDD 341.4197

EXPEDIENTE

Centro de Estudos Judiciários do Tribunal de Justiça de Pernambuco

Coordenação: Maria de Lourdes Rosa Soares Campos

Entrevista, transcrição da entrevista, produção e revisão de texto:

Aline Mendes Mota

Anne Caroline de Queiroz Nunes de Souza

Charles Kimair Siqueira de Lima

Elisabete Cavalcanti Gil Rodrigues

Gerlany Lima da Silva

Luciana Sousa de Siqueira Campos

Maria Angela Diletieri Figueira

Maria de Lourdes Rosa Soares Campos

Assessoria de Comunicação da Corregedoria-Geral da Justiça de Pernambuco

Jornalista responsável: **Rebeka Maciel** | Ascom CGJ

Projeto gráfico, artes e diagramação: **Natalie Jesus** | Ascom CGJ

Fotos: **Armando Artoni** | Agência K9

Assis Lima | Ascom TJPE

Família Itamar Pereira | acervo pessoal

iStock - página 24

Guilherme Licurgo - páginas 30 e 44

Marinez Teixeira - páginas 32 e 42

APRESENTAÇÃO

Ricardo de Oliveira Paes Barreto¹

Este livro, *A arte de Francisco Brennand na Corregedoria-Geral da Justiça*, mais do que uma homenagem, representa um agradecimento a Francisco Brennand.

Em virtude daqueles caminhos insondáveis que só o destino constrói e percorre, Brennand e o Poder Judiciário do nosso Estado se encontraram. Desde a criação dos murais dos tribunais do júri até a aquisição dos “estudos preparatórios” que hoje se encontram adornando o gabinete do Corregedor-Geral da Justiça e encantando aqueles que têm o privilégio de os contemplar, criou-se uma relação indestrutível e que a cada dia se renova.

A homenagem a que esta obra se presta é evidente: o reconhecimento e a admiração a um dos maiores artistas que nossa terra produziu, premiado e reverenciado aqui e pelo mundo. Pintor, escritor, ceramista são, talvez, as mais conhecidas facetas de um homem cuja obra foi muito além de apenas retratar o belo. Quiçá, tão bela como o belo que retratou esteja a sempre presente, ainda que implícita, ideia de que ao lado da realidade imanente e que todos conhecemos existe uma que a transcende; o conjunto de sua imensa obra parece ter sido a construção de uma verdadeira e própria mitologia, destinada a explicar o aparentemente invisível. Como um verdadeiro e grande artista, inspirou-se nas coisas da nossa terra e a elas deu a dimensão do sem fronteiras: são coisas nossas, mas, ao mesmo tempo, universais. Sua arte é uma verdadeira reflexão



¹ O Desembargador Ricardo de Oliveira Paes Barreto, titular da 2ª Câmara de Direito Público do TJPE, é o atual Corregedor-Geral da Justiça de Pernambuco. Foi Diretor do Centro de Estudos Judiciários (2008/2010).

filosófica e o *Diário de Francisco Brennand* é a tradução em palavras daquilo que as imagens que produziu querem revelar.

Assim como este livro que ora apresento é uma homenagem, é também, como dito, um agradecimento. Somos-lhe gratos, sobretudo, por permitir que sua arte esteja conosco todos os dias, levando-nos a meditar acerca do verdadeiro sentido de nossa atuação como homens e mulheres da Justiça.

Sua maneira própria e particular de perceber e retratar cenas e imagens, que desde os primórdios da história civilizatória ocidental se incorporaram à nossa forma de conceber o Direito e o Justo, é um convite permanente à reflexão. Basta que paremos alguns instantes frente às suas obras, cuja inspiração foram temas que se conectam às preocupações do Poder Judiciário e à realização dos valores constitucionais presentes nas sociedades democráticas modernas, para que surja a possibilidade de profunda meditação. Isso porque talvez Brennand tenha representado o irrepresentável. Essa visão do invisível está estampada em suas criações e disponível àquele ou àquela que deseje contemplá-las.

Há uma característica de nosso artista que, por sua sutileza, desejo pô-la em evidência, porque também ela traz uma reflexão e um ensinamento imprescindíveis

em nossos dias. Francisco confessa-se um católico apostólico romano. No entanto, utiliza-se de um símbolo pertencente a outra distinta crença para identificar algumas de suas obras, especialmente as confeccionadas em cerâmica. Trata-se do Ofá ou, como ele mesmo define, do “arco e flecha de Oxóssi”. Esse signo é considerado sagrado por algumas religiões de matrizes africanas e, por óbvio, sem qualquer conexão com o catolicismo. Aqui, também, Brennand diz-nos algo sem verbalizar nada: aceitar o outro, respeitar as convicções alheias, com elas conviver e nelas valorizar o que de importante têm a nos oferecer, porque as diferenças são complementares e não excludentes. Parece que essa escolha teve um tom profético: em um momento histórico como vivemos, a tolerância e o respeito àqueles e àquelas que não pensam como nós são valores que devem ser cultivados, pois o outro pode ser portador de algo que nos seja fundamental: no mínimo a capacidade de conviver em paz.

É, portanto, uma honra para o Poder Judiciário de Pernambuco e em especial para a Corregedoria-Geral da Justiça promover uma obra desta magnitude. Espero, assim, que o leitor perceba o quão importante é a arte de Brennand e que não esqueça o lugar que ele ocupou, ocupa e ainda pode vir a ocupar na construção de um mundo mais verdadeiramente humano, solidário e justo.

Recife, 29 de maio de 2022.



PERFIL BIOGRÁFICO DE FRANCISCO BRENNAND

Anne Nunes²

Educado, cortês, elegante. Talentoso, sagaz, culto, inteligente. Faltam adjetivos para descrever o grande artista pernambucano Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand. Dono de uma prodigiosa memória, Brennand era desenhista, pintor, ilustrador, escultor, escritor, gravador e ceramista, ofício pelo qual se tornou mundialmente conhecido.

Filho de Ricardo Lacerda de Almeida Brennand e Olímpia Padilha Nunes Coimbra, Francisco Brennand nasceu em 11 de junho de 1927. Passou praticamente toda a vida no bairro da Várzea, no Recife, onde morou até morrer, aos 92 anos, em 2019. Iniciou sua caminhada na arte na Cerâmica São João, fundada pelo seu pai no mesmo terreno em que se localiza atualmente a Oficina Cerâmica Francisco Brennand, um dos pontos mais belos – e requisitados por turistas – da capital pernambucana.

² Anne Caroline de Queiroz Nunes de Souza, Assessora Técnica do Centro de Estudos Judiciários do TJPE, é bacharela em Direito e em Jornalismo pela Unicap.

Saía poucas vezes do local. Começou a estudar fora dos limites da Oficina apenas quando precisou fazer o exame de admissão, que só podia ser realizado em colégios. Em 1938, estudou no Colégio São Vicente de Paula, no Rio de Janeiro, e, em 1939, voltou ao Recife, concluindo o ginásio no tradicional Colégio Marista.

Foi lá onde conheceu sua primeira namorada e esposa, por quem teve uma grande paixão, a poetisa Deborah de Moura Vasconcelos, de quem falava sempre com muito carinho. Depois da separação, casou-se com Maria Gorette Farias, “uma grande companheira”. Teve cinco filhos: Maria da Conceição, Maria Helena, Pedro Fabrício, Helena Victória e Oliver Edward. Nenhum deles enveredou pela arte.

Chegou a cursar Direito. Mas a paixão pela arte – o desenho e a literatura sempre o atraíram – falou mais alto. Depois de uma conversa com o pintor pernambucano Cícero Dias, decidiu ir estudar em Paris em 1948. Por isso, casou-se com Deborah e

partiu para Europa. Um ano antes, já havia sido premiado no Salão de Arte do Museu do Estado de Pernambuco, com a pintura *Segunda visão da Terra*. Começava aí, portanto, o reconhecimento do grande artista que foi Francisco Brennand. Recebeu prêmios em vários países, como Espanha, Bélgica, Estados Unidos, França e Itália.

Em 1951, voltou para Paris e, em seguida, foi para a Itália aprimorar as técnicas da cerâmica, apesar de até então não ter dedicado muito tempo a esse material. Foi nessa nova passagem pelo Velho Mundo que se apaixonou por esse gênero da arte que lhe deixaria internacionalmente famoso.

Viveu cercado de artistas renomados no cenário mundial: foi aluno de Murillo La Greca, Álvaro Amorim, Abelardo da Hora, Fernand Leger e André Lotte; era amigo de Ariano Suassuna, Jobson Figueirêdo e Marianne Peretti.

Seu primeiro grande painel foi concluído em 1954 e instalado na fábrica da família. Cerca de 80 obras do artista estão

espalhadas mundo afora. No Recife, além da Oficina Cerâmica, o Parque das Esculturas Francisco Brennand, construído no Marco Zero da cidade em homenagem aos 500 anos do Descobrimento do Brasil, é composto por 90 peças e chama a atenção de quem passa por lá pela grandiosidade e beleza. Os famosos ovos coloridos de cerâmica, que Brennand considerava símbolo da eternidade, são largamente utilizados para presentear em vários eventos sociais e institucionais em Pernambuco.

A arte de Brennand enriquece também vários prédios do Poder Judiciário de Pernambuco. No Fórum Rodolfo Aureliano, está o mural intitulado *O sol e a Lua*, que mede mais de 450 metros quadrados, datado de 1999. Na fachada do Centro Integrado da Criança e do Adolescente, onde funciona a Coordenadoria de Infância e Juventude, na obra *A juventude*, produzida em 1997, a imagem de uma mulher, de braços abertos, acolhe um menino. No Fórum Thomaz de Aquino Cyrillo Wanderley, encontram-se: dois painéis, ambos com o tema *A justiça se faz*, retratando o tributo

prestado à Igreja Católica pelo imperador romano Justiniano; o mural *Felix culpa* (feliz culpa), instalado no salão do III Tribunal do Júri, apresenta três citações latinas sobre a justiça; no IV Tribunal do Júri, outro mural do artista tem a representação de uma trindade: a balança, a espada e a Justiça; finalmente, no Gabinete do Corregedor-Geral da Justiça, há 32 gravuras traçadas em papel e em tela com o que seria, depois, retratado em cerâmica nos painéis instalados no mesmo prédio, as quais serão detalhadas ao longo deste livro.

Em 19 de dezembro de 2019, após complicações decorrentes de uma infecção respiratória, Pernambuco perdeu aquele que é considerado o maior artista do Estado. Além de brilhante como artista, Brennand impressionava pela sua sabedoria. “O futuro tem o coração antigo, nós sempre seremos o mesmo homem, o coração do homem não modifica”, dizia ele, que se fez imortal não apenas pela sua arte, mas também pelas lições de vida que transmitia a quem tivesse a sorte de conviver com o grande homem chamado Francisco Brennand.



CONVERSA TRIVIAL COM FRANCISCO BRENNAND

Lourdinha Campos³

Realizada por uma equipe do Centro de Estudos Judiciários do TJPE, formada por mim (Lourdinha Campos), Gerlany Lima e Luciana Campos, a entrevista com Francisco Brennand, em 1º de dezembro de 2017, no escritório da Oficina Cerâmica Francisco Brennand, na Várzea, Recife, resultou em um vídeo com 1h20min44s, que traz uma agradável conversa, chamada por ele de “trivial”, dando a entender que estava ali à vontade para revelar o ordinário de sua vida.

³ Maria de Lourdes Rosa Soares Campos, Secretária Executiva do Centro de Estudos Judiciários do TJPE, é bacharela em Direito pela UFPE e pós-graduada em Direito Processual Civil pela Esmape.

O grande artista nos recebeu no seu escritório pessoal, um ambiente de pequenas dimensões, com pastas e papéis sobre várias mesas – que deixavam a ideia de um trabalho contínuo – e a secretária ali presente, em constante e silencioso movimento, confirmava as nossas impressões. A sala, com piso revestido, logicamente, por cerâmica, era guarnecida com móveis simples, um grande fichário e muitos quadros nas paredes. Ele sentou-se numa cadeira giratória e um confortável sofá bege nos acomodou.

Apresentamo-nos rapidamente, pois ele já sabia a que estávamos ali, o CEJ realizava pesquisas para a edição da obra *A arte no Tribunal*: uma homenagem aos autores, em que um dos capítulos o homenageou.

Na oportunidade, foi entregue a Brennand o livro *A Justiça de Pernambuco e seu palácio*: inventário do acervo museológico dos bens móveis e, numa atitude de reciprocidade gentil, ele nos presenteou com o folheto intitulado *A Justiça se faz*. A publicação trata exatamente do mural em cerâmica que se encontra no Fórum Thomaz de Aquino, cujos desenhos e pinturas que formam os estudos preparatórios realizados pelo artista foram emoldurados e ornam hoje o gabinete do Corregedor-Geral da Justiça e que são o eixo da presente obra, fruto da sensibilidade do Desembargador Ricardo de Oliveira Paes Barreto, que idealizou a edição deste livro através do CEJ.

Com a autorização de Francisco Brennand, começamos a filmar a conversa da forma mais amadora que se pode fazer, assumindo o firme compromisso da fidelidade com a transcrição de suas palavras. Por esta razão, resolvemos incluir neste trabalho a entrevista completa em que o próprio artista fala da sua obra – com detalhes interessantes sobre os seus sentimentos e inspirações –, da sua vida, do seu destino, dos seus amores, da humanidade... tudo de modo bem-humorado e gentil, como era de se esperar de um apaixonante cavalheiro do mundo das artes.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA



Mural do III Tribunal do Júri: *A Justiça se faz*

Lourdinha Campos: Quanto à criação dos murais de sua autoria instalados nos dois Tribunais do Júri, o senhor gostaria de falar sobre sua inspiração?

Francisco Brennand: Eu fiz uma inovação, a Justiça em geral está cega e não utiliza nenhuma violência, mas eu fiz o seguinte: ela tem duas ajudantes aqui, como se fossem dois seguranças, uma está armada e a outra está com a balança. Eu queria dizer que, para se fazer a Justiça absolutamente restrita à lei, você não condena ninguém. É preciso de fato baixar a venda para a Justiça participar, para fazer de fato justiça. A Justiça tem que ter força, o homem só compreende uma palavra que é a violência, o resto ele não entende nada. Se não houver violência, ele não hesita diante de nada.

A Justiça aí no caso nem é tão equilibrada, ela tem sempre que passar para um lado. Não existe uma justiça em estado puro. Como o que está acontecendo agora em nossos tribunais e como sempre aconteceu.

“O futuro tem o coração antigo, nós sempre seremos o mesmo homem, o coração do homem não modifica.”

Eu sou de opinião que o futuro tem o coração antigo, nós sempre seremos o mesmo homem, o coração do homem não modifica. Esse problema se o homem já foi à lua, isso não altera nada o coração do homem, nada. O homem é sempre o mesmo, portanto, em qualquer época, para trás, agora e para frente, nós seremos sempre os mesmos, disfarçados, com roupas diferentes, com possibilidades tecnológicas diversas. Às vezes, a gente olha, os nossos banheiros são fantásticos, você chega num interruptor e acende a luz, acende a luz do espelho, acende a luz daquilo, acende a luz daquilo outro, sai água com sabão, é tudo especial. Não era assim, mas o coração sempre foi o mesmo, mesmo com toda a tecnologia, você nasce, vive e morre, queira ou não queira, mesmo a longevidade sendo hoje muito maior. Estão querendo mudar a previdência

por conta da longevidade, porque senão a sociedade vai ficar uma sociedade de velhos e você não vai ter dinheiro para pagar aos jovens. Mas, mesmo que o homem passe a viver cem anos, duzentos anos, o coração dele continua o mesmo. É coração de homem, é da criatura humana, sempre a mesma coisa.

Falar num mundo pacífico é impossível, o homem como todos os animais é violento, a criatura humana é violenta, tanto o homem quanto a mulher. Essa história de dizer que o sexo feminino é um sexo frágil, eu é que não quero enfrentar uma mulher raivosa (risos). Sexo frágil uma conversa. Durante a Revolução Francesa, em torno da guilhotina, a primeira, a segunda e a terceira fila eram de mulheres. Elas estavam na frente para assistirem às execuções, não eram os homens.

Autorização para a filmagem e nossa promessa de fidelidade às palavras

FB: Com relação a estes depoimentos feitos através de gravadores - se fosse por escrito... Agora, está com um gravador e também está filmando -, a gente pode dizer que vai sair fielmente tudo o que eu disse? Não vai. Não vai porque o gravador, em algumas palavras... Mesmo tendo gente especialista, o repórter que faz a gravação, não é ele que traduz, que tira do gravador para o papel, é um especialista. Pois bem, eu comecei uma entrevista dizendo um velho provérbio francês: *bête comme peintre*. A tradução é tolo, bobo como um pintor. Sabe o que é que botaram? Tolo como uma pedra. O que é que tem o pintor a ver com uma pedra? Não tem nada a ver uma coisa com a outra, tirou a força. Ora, se eu estava dizendo tolo como um pintor, se eu sou pintor, eu também poderia ser tolo, não é? Isso quer dizer que nem sempre os pintores escolhem motivos que sejam edificantes, podem ser motivos tolos. E eu queria dizer isso, mas o tradutor achou que deveria botar tolo como uma pedra e já

Bête
comme
peintre

modificou completamente o sentido da minha entrevista.

Lourdinha Campos: Quem vai escrever este texto somos nós mesmas, que temos formação em Direito, não somos jornalistas. No Centro de Estudos Judiciários, o nosso trabalho consiste em escrever e revisar as obras que são editadas pelo Tribunal de Justiça. O senhor recebeu algum livro da coleção *Memória Judiciária de Pernambuco*? Foi idealizada pelo Desembargador Jones Figueirêdo, então Presidente do TJPE.

FB: Jones é irmão de Jobson. Jobson é meu amigo, escultor.

Ele colaborou diretamente comigo no Parque das Esculturas lá (no Marco Zero).

Lourdinha Campos: Eu me comprometo com o senhor em lhe encaminhar o texto, assim que concluirmos o trabalho, para que o senhor faça as correções e dê os traços que achar melhor. Combinado?

FB: Muito obrigado. Combinado!





Painel no Fórum do Recife: *O sol e a Lua*

Lourdinha Campos: Com relação ao mural que o senhor denominou de *O sol e a Lua*, que está no Fórum do Recife?

FB: É, *O sol e a Lua*. Em Machu Picchu, lá no Peru, existem obras de arquitetura absolutamente inacreditáveis para a época em que foram construídas. Por exemplo, existe a contenção do solo feita com pedras, muros de arrimo, com pedras de tamanhos diversos, mas trabalhadas e elas se encaixam perfeitamente, apesar dos tamanhos diferentes. Me impressionou muito aquele muro. Eu queria fazer um mural

que não tivesse propriamente um tema, a não ser um tema telúrico, cósmico, como o sol e a lua, a noite e o dia. E é esse o tema lá do Fórum. São paredes enormes, em revestimento de escultura com a matéria que dá a impressão de rocha basáltica, de rocha vulcânica, de lavas vulcânicas e foi essa a minha intenção. Como os dois arquitetos eram muito ligados a mim e eu avisei que ia fazer isso e eles acompanharam o meu trabalho, eu me senti fartamente recompensado pela compreensão deles.



Eles podiam pedir um tema qualquer, e já era difícil o revestimento de uma parede inteira, a não ser que eu fosse Michelangelo (risos).

Guardadas as proporções, nós temos que levar em conta isto: nós estamos num mundo diverso, naquela época não existia absolutamente fotografia nem cinema nem nenhuma reprodução mecânica que não fosse a própria mão do homem, de forma que o homem era a janela, o artista era a janela do mundo. O artista via e... Quem é que

viu Moisés? Ninguém, mas o artista representava Moisés. Quem viu Cristo? No entanto, a figura do Cristo é uma figura universal, todos os artistas o representam mais ou menos da mesma forma. Às vezes os americanos querem fazer o Cristo meio louro de olhos azuis, o que fica um pouco iníquo porque Cristo era judeu e os judeus são morenos. Mas, essa veracidade não tem importância, de qualquer forma a figura do Cristo é universal, o perfil, a barba, a idade com que ele morreu...

“Eu queria fazer um mural que não tivesse propriamente um tema, a não ser um tema telúrico, cósmico, como o sol e a lua, a noite e o dia.”

Ele morreu moço, com 33 anos. Não é uma figura histórica, ninguém tem a referência do Cristo em nenhuma parte da história. O Cristo é uma figura que apareceu através do depoimento dos apóstolos, que foi feito 300 anos depois. (O cristianismo) é uma religião, é a maior do mundo, compete com o islamismo e outras religiões, mas ainda é a maior o catolicismo apostólico romano. Porque é uma doutrina que sobretudo é a doutrina do perdão, não tem outra religião que fale do perdão. Uma pessoa com o ato de contrição pode ser perdoada do pior dos crimes, coisa que a justiça humana não perdoa, mas a justiça divina perdoaria desde que houvesse uma contrição verdadeira. O sujeito fica zerado.

A vida é muito difícil, os embates permanentes... Além de tudo, a população está crescendo cada vez mais. Eu conheci um Recife de 200 mil habitantes, no máximo 250 mil. Hoje, o Grande Recife tem cerca de 2 ou 3 milhões de pessoas.

As pessoas, injustamente, acusam os governos de inoperância em relação à segurança pública, mas é absolutamente impossível governar e policiar uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes, imagine uma cidade como São Paulo, que tem 15 milhões. Não se pode ser onipresente ou termos um policial para cada pessoa. As pessoas ainda querem falar mal da polícia.



Primeira namorada, família e estudo na Europa

Luciana Campos: O senhor vem aqui todos os dias?

FB: Sim, moro muito perto. Nós (família) nascemos e vivemos aqui, na Várzea, neste local. Nós só estudamos fora daqui na entrada do exame de admissão, que tinha que ser em colégio, eu fiz no Ginásio Pernambucano. Depois fomos para um colégio no Rio de Janeiro, depois em Petrópolis e finalmente no Colégio Marista. Terminei o ginásio no Colégio Marista.

Depois do Colégio Marista, eu ia entrar na Faculdade de Direito porque minha namorada, que eu conheci também no colégio, – quando conheci Ariano, conheci Deborah, que era poetisa – e ela entrou na Faculdade de Direito e eu queria ir atrás dela. Portanto, eu fui estudar Direito só porque namorava uma moça que estudava Direito. Eu não tinha nenhuma vocação para o Direito. Eu era um aspirante a artista, eu queria ser artista, mas a minha namorada ia entrar na Faculdade de Direito. Entrou, ela chegou a entrar, e eu ia em perseguição dela.

O pintor Cícero Dias veio fazer uma exposição aqui em 1948. Em 1947, eu tinha ganhado o primeiro prêmio do Salão do Estado de Pernambuco, de pintura, com apenas 20 anos, e Cícero fez a exposição em 48. Em 1948, eu expus novamente no salão do Museu do Estado e ganhei novamente o primeiro prêmio. Cícero Dias – as famílias se conheciam, a família de meu pai e a família Santos Dias, família de Cícero – foi convidado por mim para um dia almoçar na casa do meu pai e Cícero disse ao meu pai que seria interessante eu viajar para Paris. Disse que tinha acontecido o mesmo com ele na minha idade, que ele estava aqui e que o pintor Di Cavalcanti, que já morava em Paris, tinha insistido para que ele viajasse. Meu pai relutou um pouco e Cícero então usou uma palavra mágica, disse: “nem que seja em

“Eu aí disse: Só viajo casado”.

caráter experimental”. Ora, essa palavra “experimental”, quer dizer, se não desse certo, eu voltava e integrava as hostes dos empresários, deixava de ser artista e passava a ser empresário. Então eu fui pra Paris. Mas qual nada! Deu certo mesmo porque nunca mais pensei em outra coisa a não ser no mundo da arte. Mas eu falei nisso por alguma razão...

Sim, foi o problema do casamento, o problema do porquê eu queria entrar na faculdade. Por Deborah, eu estava de tal forma apaixonado que não admitia ir embora para Paris, mesmo com todo o meu ardor de jovem artista, e deixar a minha namorada aqui na Faculdade de Direito. Certamente, quando eu voltasse, ou ela estava casada ou eu me arranchava lá com uma francesa. Eu aí disse: “só viajo casado.” Assim,

meu pai consentiu que eu me casasse e viajasse. Agora, veja bem a ignomínia que eu cometi: porque o pai dela só tinha uma filha, filha única, e o sonho dele era ter uma filha - ele era médico - formada em Direito, bacharela. Eu retirei-a da faculdade, ela já estava no segundo ano, aluna brilhante, e eu retirei-a, mas de uma certa forma, eu achava que era um ato que tinha sua significação porque eu me casava e ainda fazia uma viagem a Paris. Casei e viajei para Paris e ela foi comigo, então. Esse foi o grande momento da minha vida onde eu estava aí já decidido com as cartas colocadas na mesa, não havia como modificar.

Meu primeiro filho nasceu na volta de Paris, quando nós passamos aqui no ano de 1950, a minha filha mais velha, Maria da Conceição,



que hoje está à frente da administração disto aqui. Esta fábrica é administrada pelas minhas duas filhas mais velhas, duas mulheres. Eu só me ocupo da parte artística, nada da parte de administração, não entendo nada de administração. Depois, então, eu desandei e andei tendo filhos até fora do casamento, hoje eu tenho cinco filhos de mulheres diferentes. Não quer dizer que eu tivesse me desentendido com Deborah, ela sempre foi minha amiga. Ela já morreu há dois anos, até hoje eu uso esse luto e vou usar até a morte. Quem coloca, quando eu mudo de camisa, esse fumo no meu braço é a minha mulher atual. Bota com a maior devoção, porque ela também era uma admiradora dela.

Lourdinha Campos: O senhor tem filhos com sua esposa atual?

FB: Tenho um, que está estudando na Irlanda.

Lourdinha Campos: O senhor permite que seus filhos sejam mencionados neste trabalho?

FB: Pode falar. Maria da Conceição, a mais velha, Maria Helena, as duas mais velhas. Depois tem o Pedro Fabrício, que mora na Paraíba, depois tem Helena Victória, que é uma moça extraordinariamente inteligente, e tem o Oliver Edward, que tem idade de ser meu neto. Tem atualmente 25 anos, eu tenho 90; aliás, bisneto.

"Meu nome é Francisco de Paula, que é um dos santos, um dos Franciscos."

O nome

FB: Minha mãe era Padilha Nunes Coimbra. O nome do meu pai, Ricardo Lacerda de Almeida Brennand. O nome da minha mãe de solteira é Olímpia Padilha Nunes Coimbra, família portuguesa.

Meu nome é Francisco de Paula, que é um dos santos, um dos Franciscos. São quatro santos Franciscos: Francisco de Sales, Francisco Xavier, Francisco de Assis e Francisco de Paula. Francisco de Paula era talvez um dos santos mais milagrosos da história da Igreja Católica. Entre os notáveis milagres dele - e olhe que para esses papas modernos arranjar um milagre de pessoas que eles estão canonizando é uma dificuldade enorme - curou de úlcera uma pessoa, São Francisco de Paula ressuscitou um homem duas vezes. O sujeito morreu uma vez, ele ressuscitou, depois teve, muitos anos depois, outro acidente, morreu, ele novamente ressuscitou. Quer dizer, é um milagre extraordinário. Era santo. O meu nome é Francisco de Paula.

Quando eu faço qualquer menção a Francisco, eu digo: "olhe, eu posso falar porque não estou me referindo

ao pobrezinho de Assis, a Francisco de Assis." Curiosamente, o nome dele não era Francisco, chamava-se Giovanni di Pietro. O nome de São Francisco de Assis de batismo era Giovanni di Pietro. Como a família tinha ascendência francesa, o pai chamava-o de *il francesco* ou *il francese*, o Francisco, aí ficou o apelido o Francisco. O nome dele não era Francisco. Esse nome que o atual Papa Francisco de Assis, o nome de Francisco de Assis não era e... O Papa tinha direito de escolher entre quatro santos Franciscos, mas acontece o seguinte: que Francisco Xavier, que é um dos santos, é o fundador da Companhia de Jesus, junto com Inácio de Loyola. Francisco Xavier que é também um santo fundou a Companhia de Jesus, que são os jesuítas. Esse Papa é um jesuíta. Ele deveria escolher Francisco Xavier e não Francisco de Assis. Mas por razões político-religiosas - Francisco de Assis é muito mais famoso do que qualquer outro - dá a ideia exatamente do mundo moderno à procura de justiça, grande problema social. Com esse gesto, de imediato, ele já colheu os frutos que desejava.



Arte em mural

Lourdinha Campos: Poderia falar sobre a obra, que está na Coordenação da Infância, cuja aquisição também foi de iniciativa do Desembargador Itamar?

FB: A minha atual mulher posou ao lado de Helena Victória, de Oliver e de uma sobrinha e eu fiz aquele mural, que, aliás, é um mural muito significativo, que está no Juizado de Menores, não é? É muito pouco falado, muito pouco divulgado, mas é um mural que eu gosto muito, é um mural pequeno, fica na rua mesmo.

É uma coisa engraçada, minha obra mural é pouco conhecida. Nunca ninguém pensou em fazer um livro só sobre os meus murais. Na realidade, mural é pintado, você muda apenas de suporte. Quando você pintava na tela ou em

madeira é uma coisa, mas quando você pinta em cerâmica não deixa de ser pintura. Eu me lembro que um amigo meu carioca, eu estava pintando uma cerâmica, andando por cima das pedras, era um mural muito grande e com um balde cheio de tinta, eu mergulhava o pincel para pintar. Era uma área grande. Ele às minhas costas e eu numa posição de cócoras, que só os índios suportam, é uma posição desgraçada, dá logo câimbra. Quando eu me levantei, dei de conta que ele estava me olhando, eu devo ter passado no máximo alguns minutos naquela posição. Pois bem, a primeira frase que ele utilizou, quando nós entramos no atelier, foi: você nunca mais pintou, não é, rapaz? Ora, ele me flagrou no ato de pintura e ele achava que aquilo não era pintura. Pintura é eu estar comodamente



“Nunca ninguém pensou em fazer um livro só sobre os meus murais.”

sentado com um pincelzinho desses que vocês pintam a sobrancelha ou os cílios para marcar os olhos, fininho, pintando a óleo sobre tela. Agora, pintando um mural não é pintar? É pintar! Exatamente igual.

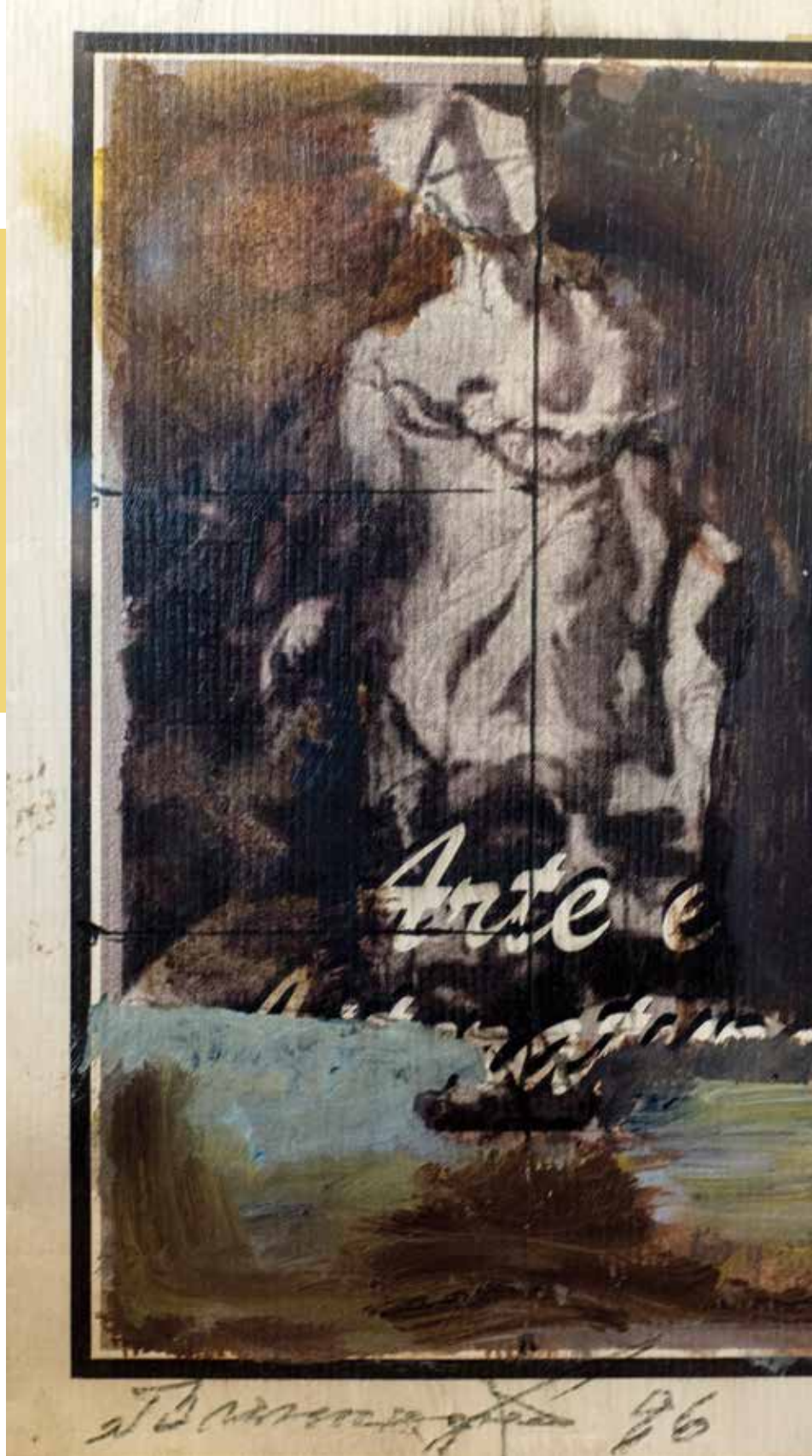
O que Michelangelo fazia nas paredes chamava-se pintura afresco, no reboco fresco ainda, que eles (pintores) fazem com muita rapidez. Existe, como exemplo, se vocês forem à Igreja da Penha, lá no alto, tem afrescos, feitos por Murillo La Greca. Foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes e foi meu professor de pintura. Ele morava ali, junto do Pátio de Santa Cruz, recordo que ele me recebia uma vez por semana, em geral às cinco horas da tarde. Uma coisa curiosa, em Recife, às cinco horas, cinco


e meia começa a escurecer. Seis horas já é noite. A casa dele vivia sempre fechada. Ele não tinha filhos. Morava ele e a mulher. Se a rua já estava penumbrosa nesse horário, a casa era mais ainda, porque estava com todas as janelas e portas fechadas. Então eu colocava meus quadros que tinham sido a colheita da semana, um ou dois quadros, no chão para ele olhar. Eu tinha vontade de dizer: professor, por que a gente não acende a luz? Ele não deixava e me dizia: “não, com essa luz, quase na obscuridade, é que você sentirá os valores que utilizou, porque a cor é uma ilusão”. Ele me dizia isso, e eu, até hoje, não sei a razão. Mas, a vontade que eu tinha era de escancarar as janelas ou então acender a luz para ele ver o quadro, que ele não via.

Influências artísticas

Lourdinha Campos: E isso tem uma influência na sua arte atual?

FB: Claro que tem, porque esse problema de valores você entende: do preto ao branco tem milhares de tons de preto que vão chegar ao cinza e, depois, vão chegar ao branco, até ao máximo de branco. E esse máximo de branco cria o valor mais claro. Ora, isso se pensasse em preto e branco, porque preto e branco não existem na natureza, é uma aberração total. Existem só na fotografia, e a fotografia não retrata nada da natureza. A fotografia em preto e branco não existe em canto nenhum. A chamada fotografia colorida é um absurdo ser chamada assim, porque colorida é a natureza, não é a fotografia. A fotografia verdadeira, realista, é a que transmite a cor que tem na natureza. A natureza é muito mais rica do que a fotografia pode demonstrar. Por exemplo, as sombras das fotografias são muito escuras, quase negras. Na natureza, não acontece isso, as sombras são igualmente luminosas e





“As sombras são
igualmente luminosas
e transparentes.”

transparentes. A fotografia é sempre muito escura, é como se não tivesse cor. Hoje, compreendo quando ele (Murillo La Greca) dizia “à procura dos valores e não das cores”. Ele era muito mais teórico do que os outros pintores da época dele. Ele tinha viajado para a Itália, tinha aprendido a lidar com afrescos. O médico dele era o mesmo médico do meu pai, foi assim que eu o conheci. Ele chegou a pintar aqui na Várzea, tanto ele como Álvaro Amorim. Foi um dos meus professores também e foi quem restaurou alguns quadros da Coleção Peretti. Eu conheci todos os pintores e escultores (que fundaram a Escola de Belas Artes) aqui dentro. Inclusive, Abelardo da Hora, entre 1942 e 1944, trabalhou aqui com meu pai. Como ele não tinha onde ficar, dormia lá na casa de São João, durante dois anos conviveu conosco. Ele teve uma influência grande nessa minha predisposição para o mundo da arte. Mas não que eu tivesse abraçado a escultura nem a cerâmica, na época.

A cerâmica

Eu viajei para a Europa só interessado em pintura a óleo, mas quase como um castigo, a primeira exposição que eu teria de ver em Paris foi uma exposição de Picasso e era uma exposição de cerâmica. Eu nunca esperava que Picasso fizesse cerâmica. No entanto, ele tinha saído de Paris entre 1946 e 1949, tinha trabalhado em Valorie, no Sul da França, durante três anos, fazendo pratos, vasos, uma coisa verdadeiramente fabulosa, admirável como criatividade. E eu fiquei surpreso e humilhado porque eu tinha tudo ao meu favor, tinha nascido dentro de um universo cerâmico e ignorado, achando que essa era uma arte menor, decorativa, mas não era. Não existem cartas de nobreza na arte, existe arte boa e ruim. E talvez nem isso, existe arte. O fato é que desde as cavernas, o que parece inexplicável, o homem, vivendo em condições que deviam ser muito precárias, já pintava. Imagino para as mulheres, o parto, a amamentação, os animais enormes, predadores, o homem fraco diante dos cataclismos. No entanto, o homem resistiu e, assim mesmo, ainda pintou dentro das cavernas. Não é estranho isso?

Outra coisa curiosa é que quando crianças, todos nós desenhamos, sem exceção. Mas, nem o pai e nem a mãe nem os professores tiveram o cuidado de guardar as manifestações das crianças. Eu guardei os desenhos dos meus filhos, sobretudo deste último, com quem tive um convívio maior.



“Não existem cartas de nobreza na arte, existe arte boa e ruim.

E talvez nem isso,
existe arte.”

Lourdinha Campos: Algum dos filhos enveredou pela arte?

FB: Não, minhas filhas mais velhas, ambas, são formadas, uma em Filosofia e a outra em Letras. Os mais novos não. A menina, Helena Victória, é muito inteligente em percepção, leitura, ela faz tudo por conta própria, mas não se formou. E quanto ao jovem Oliver Edward, mandei-o para a Irlanda, para fazer uma universidade.

Lourdinha Campos: Qual é a tendência de Oliver Edward?

FB: Tendência artística não é, porque eu nunca o vi com um livro ou uma revista, por menor que fosse. Mas é louco por futebol. Ele torce pelo Manchester United, que é um time inglês, de onde meus parentes vieram. Os Brennand vieram da Inglaterra, em 1821, século XIX. Chegaram em Alagoas, lá se casaram e construíram famílias, sempre se casavam com brasileiras. Meu avô veio para Recife, pai do meu pai e, então, veio a família Brennand, em Recife, Pernambuco.

1000



Aceitei o desafio e fiz a cabeça dela em barro.”

A primeira peça em cerâmica

Lourdinha Campos: Qual foi a sua primeira peça em cerâmica?

FB: Na época, a minha namorada dizia que eu pintava, mas não fazia uma escultura, e disse: “faça a minha cabeça”. Então, aceitei o desafio e fiz a cabeça dela em barro. Deborah foi a única namorada que tive. Na mais absoluta solidão que vivíamos aqui, a primeira namorada que nós, homens da família, tivemos, casamos todos, sem exceção. O meu irmão mais velho foi estudar Agricultura em Viçosa, Minas, e voltou casado com a filha do professor, sua primeira namorada. O irmão encostado também, num veraneio em Boa Viagem, tinha uma menina que foi veraneiar duas ou três casas depois da nossa, começou o namoro e casou. O meu irmão mais novo, o Jorge Eugênio, também com a primeira namorada, casou. Nessa época, namoro não era como hoje, era uma coisa muito delicada, as moças sempre estavam acompanhadas. Se ia ao cinema, ia uma tia, uma prima, não existia essa facilidade.

O escritor Francisco Brennand

Lourdinha Campos: Atualmente, o senhor está produzindo alguma obra?

FB: Eu ainda desenho e pinto, mas esculturas eu não faço mais. Me habituei a modelar em pé e eu não consigo ficar em pé muito tempo. Mas continuo a escrever, porque foi um hábito que adquiri. Passei desde 1949 até hoje escrevendo. Já publiquei quatro volumes do *Diário de Francisco Brennand*.

Esse *Diário*, para quem se interessa por pintura e por literatura, é interessante. Para quem não se interessa é um pouco difícil porque as pessoas ficam por fora.

O Claude Lévi-Strauss é um antropólogo que morou no Brasil, em São Paulo. Escreveu, depois que saiu do Brasil, um livro *Tristes trópicos*. Ele fazendo uma viagem a Nova Iorque para um congresso de Antropologia citou, num artigo que ele escreveu, uns dez ou vinte antropólogos da nata, os mais importantes do mundo estavam presentes nesse simpósio. Eu não conhecia nenhum, os nomes não me diziam absolutamente nada. Só conhecia Claude Lévi-Strauss, porque conhecia alguns livros dele e porque ele morou no Brasil. Eu nunca



havia me interessado por Antropologia, mas pelo fato de ele ter morado no Brasil, eu me interessei.

Nessa reunião no congresso de Antropologia que ele citou tantos nomes para mim absolutamente desconhecidos, ele, logo adiante, disse que esteve com Peggy Guggenheim, com Marcel Duchamp, com André Breton, então passou a me interessar pelo que ele estava falando. Peggy era uma milionária, grande colecionadora de pinturas, de uma família riquíssima dos Estados Unidos; Breton foi o criador



do Manifesto Surrealista; Marcel Duchamp morava em Nova Iorque, um grande pintor francês. Quando ele falou três nomes que eu conhecia, passou a me interessar o que ele estava dizendo, antes, não me interessava nada.

Portanto, meu livro só deve interessar a quem de fato conhece pintura e literatura, mas é claro que tem outros incidentes. É tanto que esse meu filho que mora em João Pessoa está há quatro meses lendo o primeiro volume e ainda não saiu do segundo capítulo. Ele desconhece totalmente, mas é muito voluntarioso e vai para o computador e procura o nome do escritor, a época, a cidade etc. Não fica uma leitura simples. Aliás, na Idade Média, e ainda mesmo na Alta Renascença, as coisas eram lidas. A minha avó só dormia se a dama de companhia dela pegasse um livro e lesse em voz alta, aí ela cochilava. Havia o hábito da leitura em voz alta.

A poesia já foi feita rimada como a música, como uma atração, para ter um ritmo. A poesia é rimada porque era falada e não lida. Hoje a gente lê, mas antigamente as pessoas recitavam. Os trovadores iam de castelo em castelo recitar seus poemas. Era uma coisa romântica, a arte cortês. Daí vem a cortesia, o romantismo.

O mundo da arte é muito vasto. Eu diria que perde um pouco da sua fleuma o escrito neste sentido que estou falando. Perde um pouco de força dentro da estrutura moderna de comunicação, que é outra coisa. Não estou criticando. É uma outra coisa, é um outro mundo, com seus valores, vários acréscimos, tanta coisa. Você, para ver uma peça de Shakespeare, precisava ir ao teatro, hoje você vê no cinema, na televisão, sentado em casa, no celular. A minha atual mulher vive com o celular o dia todo e me ignora. Sorte dela (risos).

“Meu livro só deve interessar a quem de fato conhece pintura e literatura, mas é claro que tem outros incidentes.”

“ Esta, eu chamaria de uma conversa trivial.

Conversa trivial

Lourdinha Campos: Eu estou avaliando a preciosidade que é este nosso momento com o senhor. É verdadeiramente precioso. Eu nem imaginava que, na minha vida, teria esta oportunidade.

FB: Não exagere! Esta, eu chamaria de uma conversa trivial. Eu não saberia conversar de uma maneira diversa, e isso a gente está perdendo. As pessoas chegam aqui com o celularzinho na mão, em grupo ou solitariamente, só querem uma fotografia, não me perguntam absolutamente nada. É uma raridade uma pessoa, de qualquer idade, chegar e me fazer uma pergunta sobre uma escultura, como é que isso tudo nasceu, como é que aconteceu etc. Ontem, aqui, teve a visita do Embaixador da Alemanha, infelizmente, eu não estava presente, mas foi condignamente recebido. Ele perguntou muita coisa, principalmente porque eu fiz uma exposição na Alemanha e ele sabe disso.

Quem o recebeu disse que ele fez perguntas sobre muitas coisas, como o meu interesse pela mitologia grega, figuras históricas, coisas da Revolução Francesa, a figura de Joana D'Arc, que eu admiro muito...

Lourdinha Campos: O senhor deve estar cansado...

FB: Cansado nada, ao lado de três mulheres curiosas em saber...

Quando a gente é motivo de atenção, centro de atenção, todo mundo gosta. Notem que vários acontecimentos não teriam um desdobramento se não tivessem o foco da televisão. Quando a televisão entra, você repare que as pessoas enlouquecem. Todo mundo quer aparecer. Quanto mais você bote a televisão em cima da multidão para tentar corrigir (verificar) um fato que está acontecendo, seja ele favorável ou danoso, mais aquilo vai se multiplicar. Se disser que um sujeito fez algum ato danoso a uma mulher no ônibus, fique certo que, em menos de uma semana, vão aparecer uns dez. O homem tem a tendência a reproduzir o gesto do outro. Se você chegar ali na Ponte da Boa Vista - a mais notável das pontes, por conta da estrutura de ferro, liga a rua Nova à rua da Imperatriz - e apontar para

Eu não saberia conversar de uma maneira diversa.”

o céu, daqui a pouco, tem uma multidão apontando para o céu para nada. O que é que está vendo? Um boi voando? E se aponta para dentro d’água, igualmente. Como é fácil, nas torcidas de futebol, os gestos, aquele “ola”, todo mundo faz isso. Eu acho isso extraordinário, essa solidariedade humana.

Todo ser humano é feito do mesmo material. Em parte, nós somos os outros. Uma vez, uma senhora aqui achou muita graça, porque eu disse: o seu nariz é um empréstimo, não é seu, porque foi de sua mãe, de seu pai, foi de seu avô. E é isso mesmo, a gente vai passando para os filhos. E, depois, isso é que é a imortalidade.

**“Em parte,
nós somos os
outros.”**

Uma saudade

Lourdinha Campos: O senhor tem netos? Convive com eles, aquela coisa de conversar nos finais de semana?

FB: Tenho netos e bisnetos. Não, não tenho convívio. Com o mundo moderno, cada um se ocupa hoje em dia, meus netos e bisnetos ou estão estudando ou já têm emprego. Isso aqui é longe. Eu tenho a presença de minhas filhas mais velhas diariamente. Estou sentindo muita falta do meu filho que está na Irlanda, mas a mãe dele coloca o celular e aparece a cara dele, falando comigo: “Oi, papai, como vai? Tá assistindo ao jogo do Manchester?” Eu digo: “Tô, não precisa você recomendar, tô assistindo” (risos). Ele é muito bonito. Tem uma barba fechada.

A barba

Hoje em dia é moda a rapaziada andar barbada. Na minha época, não, ninguém da minha idade. Com 18 anos, eu já tinha barba, andava barbado. Era uma raridade. Casei barbado, viajei para a França barbado. Voltei um pouco deprimido e, a conselho médico, fui passar uns dias em Poços de Caldas, uma estação d'água entre Minas e São Paulo, e o médico recomendou que andasse de charrete, fizesse exercícios etc. Essa viagem ou essa permanência no hotel era fora da temporada, existiam poucos hóspedes, de forma que os poucos hóspedes que existiam se distraíam indo para uma praça defronte, só para engraxar seus sapatos. Tinha uma quantidade enorme de engraxates nessa praça e uma quantidade enorme de meninos, de molequinhos de rua, por ali, em torno dos engraxates. Quando eu saía barbado do hotel, era logo rodeado por uma multidão, a meninada: “olha a barba, olha o barbado!” Eu ficava encabulado, aí retrocedia e não queria sair do hotel. Minha mulher dizia: “vá para praça!” Um belo dia, eu me encabulei com isso, voltei para o quarto secretamente, procurei um estojo de gilete, não encontrei e pedi à portaria. Notei que não se pode cortar a barba crescida diretamente com o estojo, eu teria de cortar primeiro com a tesoura, deixar bem baixa para depois cortar, assim

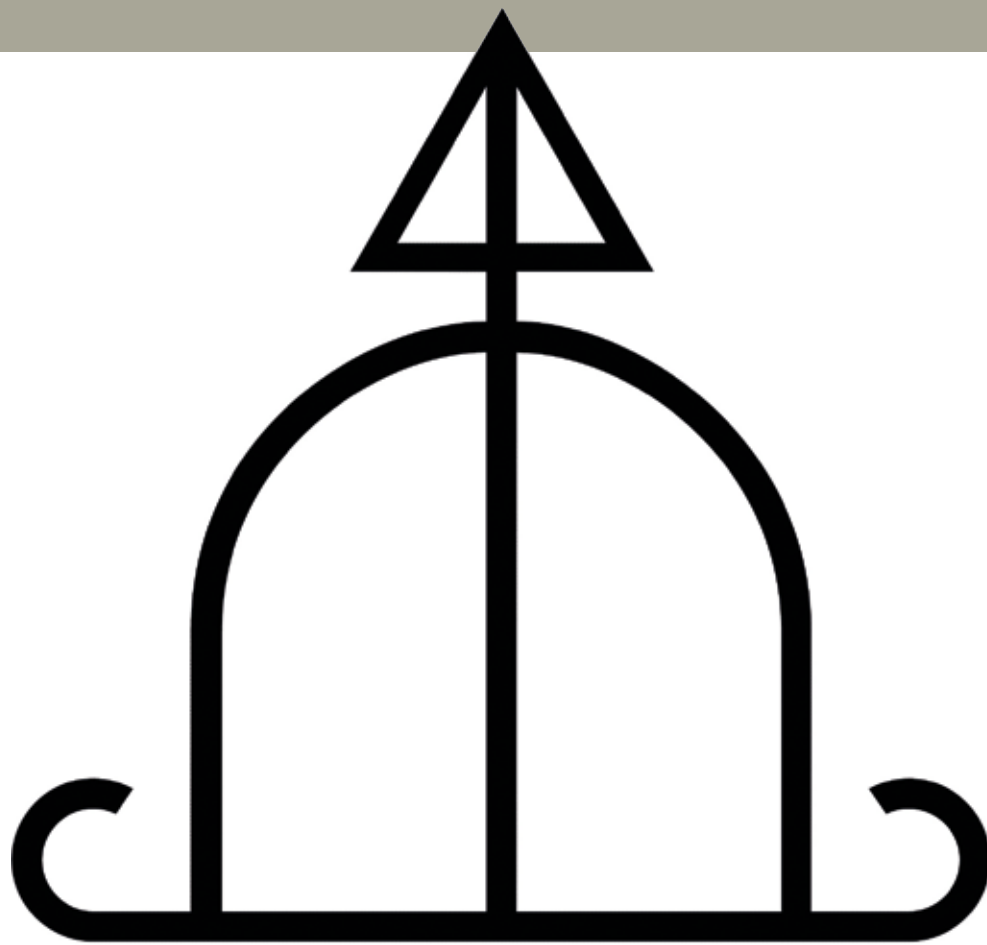
mesmo, eu me cortei todo. Mas, eu já notei a diferença quando eu descii, passei pelo porteiro e o porteiro não sabia quem eu era. Descii, estava cheio de crianças, aqueles que me chamavam de barbado, passei e ainda abusei: “cadê o barbado, vocês viram?” “Não! Teve aqui e desapareceu.” Não me reconheceram, aí consegui respirar.

Durante anos e anos, eu fui perseguido pelo fato de usar barba. Eu precisava não sentir esse olhar estranho sobre mim e então, durante um longo tempo, eu fiquei sem barba. Mas depois, deixei crescer o bigode e, finalmente, a barba, e hoje estou essa figura aqui. Parece o Pai Eterno ou então eu chamo pai da mata, porque tem essa mata aqui. Os meninos, às vezes, me encabulam. As crianças novas que não têm nenhuma censura me chamam de Papai Noel, aí, para eu escapar, eu já encontrei a solução: “Olhe, você não diga nada a ninguém, mas, eu não sou Papai Noel, eu sou primo dele”. É água na fervura. De imediato, eles perdem o interesse.

Lourdinha Campos: A gente vai ter que concluir para o senhor descansar, porque a nossa conversa aqui levaria um dia inteiro.

FB: Não! Foi um prazer! Vocês também saem quando quiserem. Tem mais alguma pergunta?

“Olhe, você não
diga nada a
ninguém, mas, eu
não sou Papai Noel,
eu sou primo dele”.



F. Brennan

“É a procura do absoluto que é tipicamente da raça humana, do espírito humano e essa identidade me fez adotar o símbolo de Oxóssi.”

Logomarca

Gerlany Lima: Qual o significado da logomarca que aparece em suas obras?

FB: Aquilo ali é um orixá, que quer dizer entidade religiosa, e que eu colhi na Bahia, pertence à umbanda e eu achei interessante. Como nós vivemos aqui... é um orixá Oxóssi, deus da mata, o caçador. É o deus caçador, que protege os animais. Como a gente fica aqui rodeado de uma floresta, eu achei interessante usar isso como símbolo do lugar, um arco e uma flecha estilizada. Em toda obra está lá, em todo canto. Outra coisa: esse deus Oxóssi afugenta o homem da mata, por isso, os bichos são gratos, porque o homem mata o bicho. Oxóssi também é um caçador, é um predador, mas, de qualquer forma, afugenta o homem, o inimigo comum, mais perigoso. E tem um outro detalhe que me foi esclarecido pelo pintor José Cláudio, ele disse que Oxóssi procura, em todas as florestas do mundo, uma caça que ele sabe, de antemão, que jamais vai encontrar. Eu achei isso fantástico, uma pessoa procurar uma coisa que ele sabe, de antemão, que não encontra. Essa insistência é muito próxima da nossa insistência da procura da verdade, por exemplo. É a procura do absoluto que é tipicamente da raça humana, do espírito humano, e essa identidade me fez adotar

o símbolo de Oxóssi. Não é que eu seja um adepto de umbanda, minha religião é a Católica Apostólica Romana.

Lourdinha Campos: Bem bonito que o senhor adote um símbolo de uma religião, tendo a convicção de uma outra fé.

FB: Sim! Porque eu não conheço nada da religião umbanda, primeiro que eu não sou baiano!

Lourdinha Campos: (Risos). Acho que nem todos os baianos conhecem também, não é?

FB: Não sei! Levam tão a sério aquele negócio lá na Bahia, de orixás, aquela lavagem lá...

Gerlany Lima: Lavagem das escadarias com lavanda.

FB: É. Lavagem das escadarias...

Lourdinha Campos: Lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim. E é interessante que usam a igreja, que é um templo nosso, católico.

FB: Mas até os padres aderem a essas práticas religiosas (risos). Os baianos são muito fixados nisso!

Ovos de cerâmica: emblema de eternidade

Gerlany Lima: Eu pessoalmente tenho paixão por suas criações de ovos em cerâmica. Qual a significação desse tema?

FB: O ovo para mim tem o seguinte significado: eu acho que o ovo é um emblema da eternidade. Tem aqui um templo que eu chamo “o templo ao ovo, com um ovo pendurado de cerâmica!” Onde eu puder fazer ovos, seja pequeno ou grande, eu faço, como um emblema de eternidade. As coisas são eternas porque se reproduzem. A eternidade é a reprodução! Não existe outra! Não precisa procurar outras razões metafísicas e nem querer pensar numa outra vida, no retorno, na ressurreição. Como é que os espíritas chamam? Reencarnação!

Eu acho tudo isso muito complicado! Porque se nós pretendemos ter reencarnação, por que os outros animais não podem pretender? São tão parecidos conosco em tudo. Eles têm fígado, têm estômago e intestino, têm tudo, pulmão,



“As coisas são eternas porque se reproduzem. A eternidade é a reprodução!”

respiram! Não falam, mas será que não é fala? Eles se entendem entre si, se reproduzem, têm o parto com dor. Então, eu acho que a reprodução é a eternidade! Você olha uma árvore na mata está florida, daqui a 300 anos um grupo de pessoas volta a olhar no mesmo lugar a mata, tem outra árvore florida. Mas não é a mesma, são várias que renasceram. É uma outra, mas é igual. Tá lá no mesmo canto. Isso é a eternidade, as coisas vão se repetindo.

E você veja, o estranho é que os filhos se parecem conosco. Nós somos a matriz de alguma coisa e já tivemos a matriz de um pai e uma mãe, avô. São dois avós, por parte de pai e por parte da mãe, e isso se multiplica, tem os tios... e é a perder de vista. Não há árvore genealógica que possa decifrar como nós fomos feitos. É de tal forma misterioso, que às vezes você começa a perguntar: “esse menino se parece com o pai ou com a mãe?” Ele tem alguns sinais típicos do pai, alguns típicos da mãe.

Nessa discussão, você só chega a uma conclusão, finalmente, se concordar que o pai e a mãe se parecem. Porque é de tal forma misturado que você não pode nem dizer é muito mais o pai do que a mãe. Você vê coisas curiosas, as unhas, pequenos detalhes, o formato dos pés, as orelhas, os dentes, incrível, os olhos, a cor.

Não resta dúvida que, como a raça negra vem toda da África, eles foram queimados pelo sol. Se você, por exemplo, queima um cabelo, a primeira coisa que acontece é que ele enrosca. Aquela cabeleira crespa deles, o sol queimou. Anos, séculos e séculos de sol tisonou a pele. Se você vir o sujeito que passou um mês num bote - dessa gente salva de naufrágios - o nariz incha enormemente e a boca fica imensa. Os negros têm um nariz largo e a boca também muito inchada, aí eu tenho a impressão de que séculos e séculos marcou a raça. Mas, certamente o DNA é exatamente igual.

Vida pessoal: filhos e casamentos

Gerlany Lima: Apenas confirmando: os nomes dos filhos, de Dona Deborah e de sua atual esposa podem ser mencionados neste trabalho?

FB: Sim! Os filhos, me orgulha tê-los. O nome da minha atual esposa é Maria Gorette Farias.

A minha primeira mulher foi a Deborah, que independente de mim, eu acho que ela é uma artista maior do que eu, a poetisa Deborah Brennand. Orgulha-me ter sido casado com uma mulher daquele quilate.

Deborah nunca “fez praça” de que escrevia poesia. Nunca me disse que escrevia poesia. Mesmo no tempo de colégio, já namorados, ela já escrevia. Ela nunca disse a ninguém. Quem descobriu que ela escrevia foi Ariano Suassuna. Uma vez, eu tinha mandado buscar Ariano em casa, e ele, quando veio, sentou-se no carro em cima de uma caderneta, que era uma caderneta de compras de Deborah, de mercado, para comprar chuchu, verduras, arroz, carne etc. Sentou-se, e tirou a caderneta, folheou e viu que no meio daquelas anotações de compras de víveres, tinha alguns versos soltos escritos. Achou interessantes esses versos e botou no bolso, não disse nada. Na hora do almoço não se manifestou. Mas depois do almoço, fomos para o terraço, ele tirou a caderneta e começou a



“Os filhos, me orgulha tê-los.”

ler, aí todo mundo ficou em silêncio. Mas, Deborah logo perguntou: “Ariano, onde você encontrou isso?” Ela, sem querer, se traiu. Ela logo reconheceu que era a caderneta dela e que aqueles versos eram dela. E Ariano disse: “De quem são esses versos?” Deborah: “Não, isso aqui são anotações.” Ariano: “Mas são versos excelentes!” Foi aí que se descobriu que ela escrevia. Ela nunca disse que escrevia a ninguém. Ela escreveu oito livros de poesia. Poesia não é fácil, só mesmo os grandes inspirados. Ela era uma excelente poetisa.

Eu me recordo, em 1965, fazendo uma exposição no Rio de Janeiro, na *Petite Galerie*, na Praça General Osório, encontrei lá um crítico de arte, que tinha morado a vida inteira na França e tinha pegado umas anotações que Deborah tinha levado para a galeria e deixado de lado. Ele perguntou: “Quem escreveu isso?” Deborah disse: “Fui eu.” O crítico: “Olhe, estou admirado com a sua poesia e espero que, se a senhora publicar um livro, me dê a honra de fazer o prefácio.” Roberto Alvim Correa nasceu

na Bélgica, morou a vida inteira na França e veio morar no Brasil já em idade adulta.

O primeiro livro dela chamou-se *O punhal tingido*. Eu fiz até a capa com um desenho meu, e o prefácio é de Roberto Alvim Correa. Depois desse prefácio, Ariano, Cesar Leal, todos os outros escreveram sobre ela, mas ela nunca se considerou uma artista para competir com os outros, como Ariano. Cesar era um poeta, Thomaz era um poeta. Eu me considerava um artista, mas ela não se considerava uma artista, nunca se considerou. No entanto, eu achava que, entre todos, ela era a maior. Eu, é minha opinião. Orgulho-me de ter sido esposo dela e de tê-la escolhido.

Maria Gorette estudou filosofia e tem muita sensibilidade. Eu diria que ela é uma grande companheira porque ela me introduz no mundo moderno, que eu não teria nenhuma oportunidade... De vez em quando, ela se dá ao trabalho de me mostrar certas coisas que ela está acompanhando e eu jamais me aperceberia se ela não me mostrasse, que é o mundo das redes sociais, da internet.

Tecnologia, momentos de solidão e mortalidade

**“O futuro é uma grande
interrogação. Você não pode
perder o futuro, você perde
aquele presente imediato.”**

Lourdinha Campos: Sei que sua vida é preenchida com a arte, a sua memória é prodigiosa, a sua fala é agradabilíssima e isso ocupa a sua vida de forma mais rica do que utilizando jogos no computador. Mas, o senhor já experimentou jogar?

FB: Eu não sei digitar, eu não sei fazer nada disso. Eu tenho uma secretária, ela é quem digita, infelizmente eu não sei digitar. As coisas que eu quero, eu escrevo à mão.

É o problema existencial (a ocupação do tempo), não há quem não sinta os momentos de solidão, isso que se chama modernamente de depressão. Nós temos consciência da nossa mortalidade. E além de nós termos consciência da mortalidade, a única coisa que conta a nosso favor é que a gente não pode prever quando... e sempre há uma grande esperança que isso se dilate o mais possível.

Há uma observação do Imperador Marco Aurélio, lá para trás, dos romanos, que dizia o seguinte: Quando você morre, você não perde o passado que já passou nem pode perder o futuro que não aconteceu. Você só perde o presente imediato. Portanto, tanto faz você morrer com noventa, noventa e três ou com três anos de idade, ou com dez anos ou com vinte. Você só perde o presente, você não perde o passado que já passou, porque você já viveu e não vai perder. O futuro é uma grande interrogação. Você não pode perder o futuro, você perde aquele presente imediato. Você perde o presente, então, não é porque um indivíduo tem noventa anos que vai morrer antes de outro (mais moço). Você veja a fatalidade: uma senhora saindo num domingo, com a família, com os filhos e a babá grávida, veio um doido bêbado, bateu e o carro virou uma lata (Caso Tamarineira, novembro de 2017).

Lourdinha Campos: O que se perde é o presente mesmo. Veja que o senhor é o conjunto de tudo que viveu até agora, e tem uma vantagem grande que é a sua memória. É o senhor nos contar agora coisas que aconteceram em 1942 como se estivesse vivenciando de novo, como se estivesse entrando e encontrando Abelardo da Hora, a viagem, a decisão tomada em 1948, os nomes... isso tudo é muito importante e é o senhor verdadeiramente. Peço a Deus que nos conceda muitos e muitos anos e que nos dê a oportunidade de ter novas conversas como esta, porque para nós foi emocionante.

FB: Muito obrigado. Foi um prazer recebê-las, foi uma conversa agradável e sem sobressalto.



A AQUISIÇÃO DAS OBRAS

Com o objetivo de conhecer os motivos que levaram a Corregedoria-Geral da Justiça a eleger o artista Francisco Brennand para compor o seu acervo, foi realizada pesquisa nos arquivos deste Tribunal e encontrados os processos para a aquisição das obras.

A história da escolha do artista é facilmente compreendida através da leitura desses autos, que narram desde quando os murais do artista passaram a exaltar os salões do Júri e o Centro Integrado da Criança e do Adolescente (CICA), na gestão do Desembargador Itamar Pereira na Corregedoria (1996/1997), até a compra dos quadros que serviram de escopo para a criação dos referidos murais, na gestão do Desembargador José Maria Florentino (1997/1998), que, hoje, estão exibidos no Gabinete do Corregedor-Geral da Justiça.

Em artigo intitulado *A Justiça se faz*, sobre as obras de Brennand que se encontram no gabinete do Corregedor, o poeta Weydson Barros Leal afirma que “formam o estudo preparatório para a persecução permanente do detalhe, do ângulo, da abordagem da obra final” dos murais.

Painéis cerâmicos para os Tribunais do Júri

Iniciou-se com o Ofício 186/96-AST, de 30 de outubro de 1996, no processo n. 006/96-CL, solicitando ao então Corregedor-Geral, Desembargador Itamar Pereira, a contratação por inexigibilidade de licitação do profissional Francisco Brennand para fornecer os painéis cerâmicos destinados ao Tribunal do Júri.

O referido processo foi instruído com o orçamento no valor R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais), fornecido pelo atelier do artista, atendendo sugestão do arquiteto Hélio Moreira da Silva. A obra consiste em dois painéis cerâmicos, medindo cada 6 m x 2 m (24 m²), elaborados em ladrilhos 20 cm x 20 cm, em superfície lisa, policromadas, queimadas em alta temperatura, tendo como tema central a representação da Justiça.

No processo, para enfatizar a importância do artista e de sua arte no país e até mesmo fora dele, consta um recorte do Jornal do Commercio, publicado em 17 de novembro de 1996, na página 2 do caderno C, com o título *A obra de arte ainda é só adorno*. Na matéria, afirma-se que Francisco Brennand era “um dos mais requisitados artistas plásticos do país e até mesmo das Américas”. A matéria trata também da obrigatoriedade de os novos edifícios do Município do Recife contarem com obras de arte no hall de entrada ou jardins e que os prédios oficiais tentaram acompanhar o setor privado.

Na justificativa da inexigibilidade de licitação, o presidente da Comissão Permanente de Licitação (CPL) da CGJ afirmou “ser o Senhor Francisco Brennand um artista de renome internacional”.

O parecer da Assessoria Judiciária quanto à legalidade da contratação, por inexigibilidade de licitação, foi no sentido de que a obra é “um bem singular”, ou seja, possui “individualidade tal que o torna inassimilável a quaisquer outros”, não havendo como fazer comparações de seu valor com o valor de mercado. Considerou, também, a notória consagração do artista pela opinião pública e pela crítica especializada, nacional e internacionalmente.

O auditor interno acompanhou a justificativa da CPL e o parecer da Assessoria Judiciária da Corregedoria, entendendo ser legalmente viável a contratação pretendida.

O então Corregedor-Geral da Justiça, Desembargador Itamar Pereira da Silva, reconheceu e ratificou o resultado do processo de inexigibilidade de licitação n. 06/96-CL, para a contratação de profissional para fornecer os painéis cerâmicos, destinados ao

II Tribunal do Júri, do Fórum Thomaz de Aquino, autorizando a formalização do contrato com o Senhor Francisco Brennand, o que foi publicado no Diário Oficial de 22 de novembro de 1996.

A instalação do II Tribunal do Júri da Comarca do Recife, onde foram apostos os murais de Francisco Brennand, aconteceu em 14 de agosto de 1997.

Começava assim, portanto, a relação de Francisco Brennand com o Tribunal de Justiça de Pernambuco, que passou a contar com os grandiosos feitos do artista no acervo da instituição.





FRANCISCO BRENNAND

Propriedade Santos Cosme e Medeiros, s/nº - Várzea
CEP:50.741-520 - Recife/PE

Recife, 09 de maio de 1997.

À
CORREGEDORIA GERAL DE JUSTIÇA DO
ESTADO DE PERNAMBUCO

At. Dr. Itamar Pereira

Prezados Senhores,

Segundo a intenção do desembargador Itamar Pereira, estamos comunicando a possibilidade de uma exposição de todos os desenhos preparatórios destinados aos dois grandes murais que foram realizados para essa Corregedoria, com o título genérico de "A JUSTIÇA SE FAZ".

Dessas pinturas, em número de 48 (quarenta e oito) peças, estariam disponíveis 34 (trinta e quatro) delas, para a referida exposição, em local escolhido por essa Instituição.

Outrossim pareceu-me viável que todos esses quadros ligados diretamente à elaboração e execução dos murais, poderiam ser adquiridos posteriormente por V.Sas. para dispô-los em salas e em diferentes gabinetes do grande edifício em reforma.

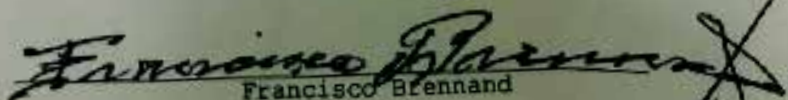
Quero deixar claro que essa possibilidade é apenas uma sugestão, ficando a critério de V.Sas. aceitá-la ou não.

Suponho que todos esses desenhos pela sua própria função, não só exaltarão, como também tornarão mais claro todo o demorado processo da criação dos dois murais.

Pelo fato da aquisição dos referidos quadros envolverem numerário, estou encaminhando o orçamento dessas diferentes pinturas, ressaltando que desses 34 (trinta e quatro) estudos, 2 (dois) deles fazem parte da minha coleção particular (n.ºs. 01 e 02).

Para melhores esclarecimentos, estou anexando relação de preços dos quadros com respectiva descrição.

Atenciosamente,


Francisco Brennand

A Assessoria
Judiciária.
Re, 22.05.97



As obras de Brennand da CGJ

O processo n. 15/97-CL da Corregedoria-Geral da Justiça teve início com o Ofício 416/97-AST, de 26 de novembro de 1997, com o pedido de autorização para a aquisição dos quadros, de autoria de Francisco Brennand, contendo todo o histórico dos murais da Justiça instalados nos Tribunais do Júri do Fórum Thomaz de Aquino Cyrillo Wanderley, a fim de serem colocados no Gabinete do Corregedor, localizado no 6º andar do mesmo edifício.

O processo foi instruído com um comunicado de Francisco Brennand ao Desembargador Itamar Pereira, então Corregedor-Geral da Justiça, datado de 9 de maio de 1997, sobre a possibilidade de ser feita uma exposição de todos os desenhos preparatórios destinados aos dois grandes murais intitulados *A Justiça se faz*. Ele declarou que das 48 peças produzidas no estudo, 34 poderiam ser expostas em local a ser escolhido pela Corregedoria.

No mesmo documento, o artista, alegando que “todos os desenhos, pela sua própria função, não só exaltarão, como também tornarão mais claro

todo o demorado processo da criação dos dois murais”, propõe que a Corregedoria adquira os estudos disponibilizados.

Foi anexado um orçamento descritivo das peças no valor total de R\$ 42.400,00 (quarenta e dois mil e quatrocentos reais), excluídas as duas primeiras obras do acervo pessoal do autor, que não apresentaram preços em suas descrições.

Os arquitetos José Luiz Mota Menezes e Hélio Moreira da Silva, em documento dirigido ao Corregedor em 26 de novembro de 1997, esclarecem que o edifício onde se encontra o Fórum Thomaz de Aquino Cyrillo Wanderley, construído para ser o Grande Hotel do Recife na década de 30 do Século XX, se inclui entre os considerados Art Déco. Após discorrerem sobre a responsabilidade com a preservação rigorosa dos valores arquitetônicos do edifício, sugerem a aquisição, livre de licitação, dos quadros de Francisco Brennand – artista de renome e história nacional e internacional – executados quando da criação dos murais instalados nos Tribunais do Júri, por retratarem com toda a “imponência e beleza” a história daquelas obras.

A Comissão Permanente de Licitação da CGJ, diante da disponibilidade orçamentária, sugeriu a adjudicação das obras, dispensada a licitação (Lei n. 8.666/93, art. 24, XV),

considerando que Francisco Brennand já havia prestado serviços ao Tribunal, bem como a autenticidade dos serviços artísticos e a impossibilidade de estabelecer um paradigma acerca do valor, por se tratar de bem singular.

A Assessoria Judiciária da CGJ emitiu parecer favorável à dispensa de licitação para a aquisição dos quadros. Considerou bem fundamentada a finalidade da aquisição apontada pela Comissão de Licitação na Justificativa: “a Corregedoria, através das obras solicitadas, tem o interesse de resgatar a memória da Justiça e possuir um acervo como patrimônio.” Levou em conta a consagração do artista pela crítica especializada e pela opinião pública, comprovada através de matérias publicadas na imprensa, anexadas aos autos e, também, considerou o parecer dos arquitetos.

A Auditoria Interna da CGJ opinou pela viabilidade da aquisição com a observância das normas legais vigentes.

O Desembargador José Maria Florentino de Lima, então Corregedor-Geral da Justiça, em 23 de dezembro de 1997, reconheceu e ratificou o resultado do processo. A decisão foi publicada no Diário Oficial de 25 de dezembro de 1997.

O INVENTÁRIO

O Desembargador Eduardo Augusto Paurá Peres, então Corregedor-Geral da Justiça do TJPE, realizou em 2014 o Inventário Patrimonial do Gabinete da Corregedoria-Geral da Justiça. O objetivo foi proteger e garantir a conservação das pinturas do artista plástico Francisco Brennand. De início, visava apenas o tombamento das obras para a preservação do acervo, mas o trabalho foi concluído com a edição de um catálogo que traz as especificações detalhadas de cada peça da coletânea de Brennand, considerado um dos maiores artistas plásticos brasileiros com reconhecimento mundial.



Para o artista – muitas vezes descontente com a postura de alguns órgãos públicos no que se refere à conservação de suas peças –, o inventário representou “a perfeita compreensão da importância da obra de arte e a intenção de bem guardá-la”. Ao receber o inventário, Brennand enalteceu a iniciativa do Desembargador Paurá, afirmando que “dificilmente uma pessoa que não trabalha com obra de arte tem a sensibilidade que Eduardo Paurá teve em se preocupar com a preservação da arte”.



Sentimentos como igualdade, punição, temperança e segurança inspiraram o autor para a criação das obras encomendadas pelo Desembargador Itamar Pereira, quando Corregedor em 1996, que abordariam o tema “A Justiça”, até então, um assunto pouco explorado pelo artista.

No inventário, foram catalogadas 32 obras do artista Francisco Brennand, constando as dimensões, técnicas utilizadas e os respectivos números de tombo, com os seguintes títulos:

A Justiça e a arte (tombo n. 153116); Autorretrato - 70 anos (tombo n. 153123); Juízes (tombo n. 153128); A Justiça I (tombo n. 153098); Guardiã com a espada I (tombo n. 153122); Cabeça de guardiã (tombo n. 153109); Guardiã (tombo n. 153105); Justiça (Estudo) (tombo n. 153097); Cabeça da Justiça (tombo n. 153106); Justiça (tombo n. 153103); Juiz togado (tombo n. 153126); Juízes (tombo n. 153125); Guardiã com a espada II (tombo n. 153112); Guardiã I (Estudo) (tombo n. 153120); Guardiã II (tombo n. 153111); Guardiã com a espada II (tombo n. 153118); Guardiã de perfil (tombo n. 153114); Cabeça da Justiça (tombo n. 153108); Retrato de um Juiz (tombo n. 153127); Cabeça da Justiça (Estudo) (tombo n. 153102); Guardiã III (tombo n. 153099); A Justiça (1º Estudo) (tombo n. 153100); Guardiã IV (tombo n. 153124); A Justiça (2º Estudo) (tombo n. 153101); A Justiça (3º Estudo) (tombo n. 153104); Guardiã V (tombo n. 153110); A Justiça entronizada (tombo n. 153107); A Justiça se faz (Estudo para o 1º mural) (tombo n. 153119); Mãos I (Estudo) (tombo n. 153121); Mão (Estudo) (tombo n. 153115); Mão (Estudo) (tombo n. 153117); Mão com a espada (Estudo) (tombo n. 153113).

'A Justiça e a Arte'

Dimensão: 21 cm x 14,5 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

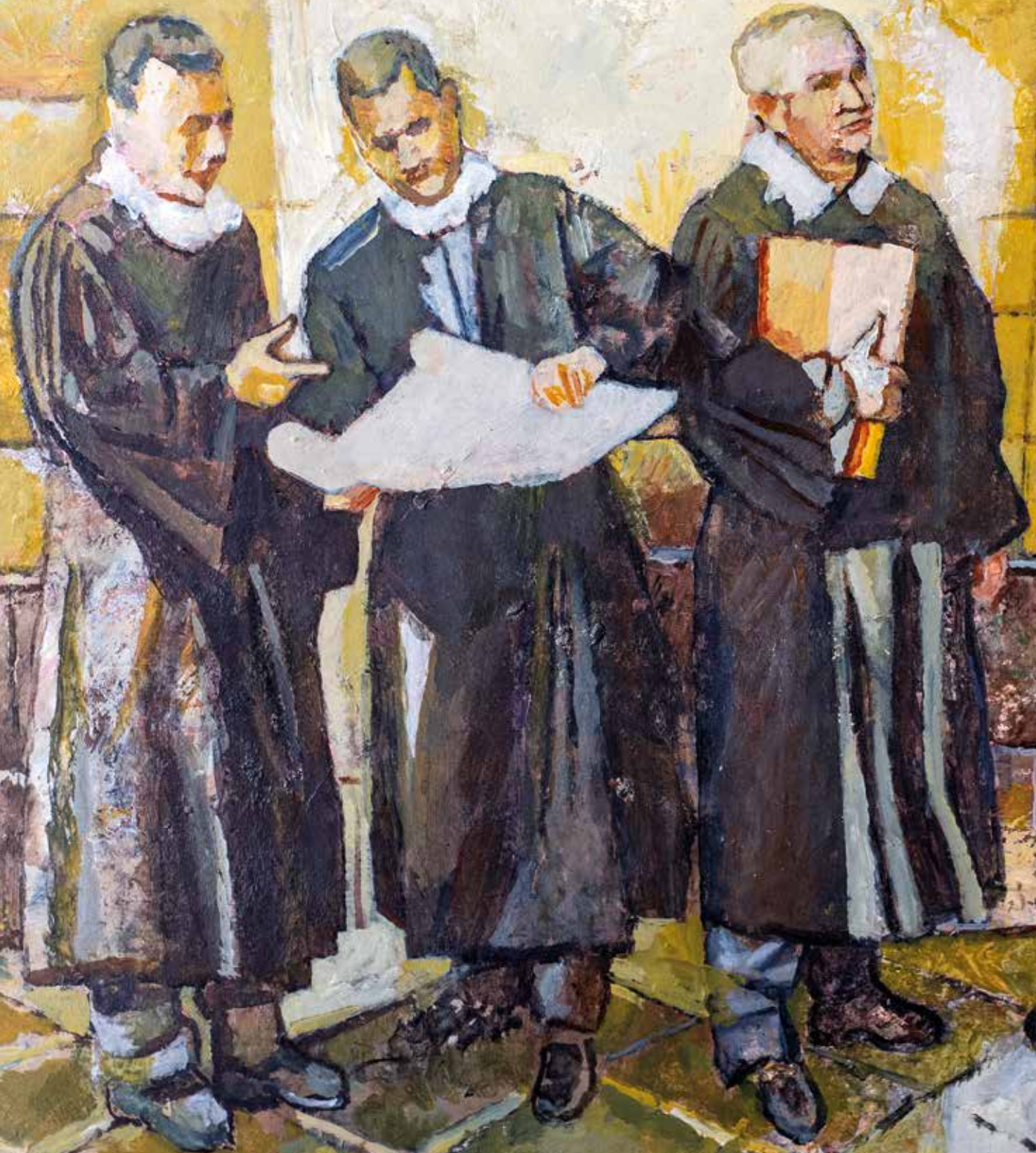
Tombo: 153116



Tombo 96



'Auto Retrato - 70 anos'
Dimensão: 63 cm x 25 cm
Técnica: Acrílico sobre papel
Ano: FB/1997
Tombo: 153123





'Juizes'

Dimensão: 44,5 cm x 59,5 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153128



‘A Justiça I’

Dimensão: 54 cm x 36,5 cm

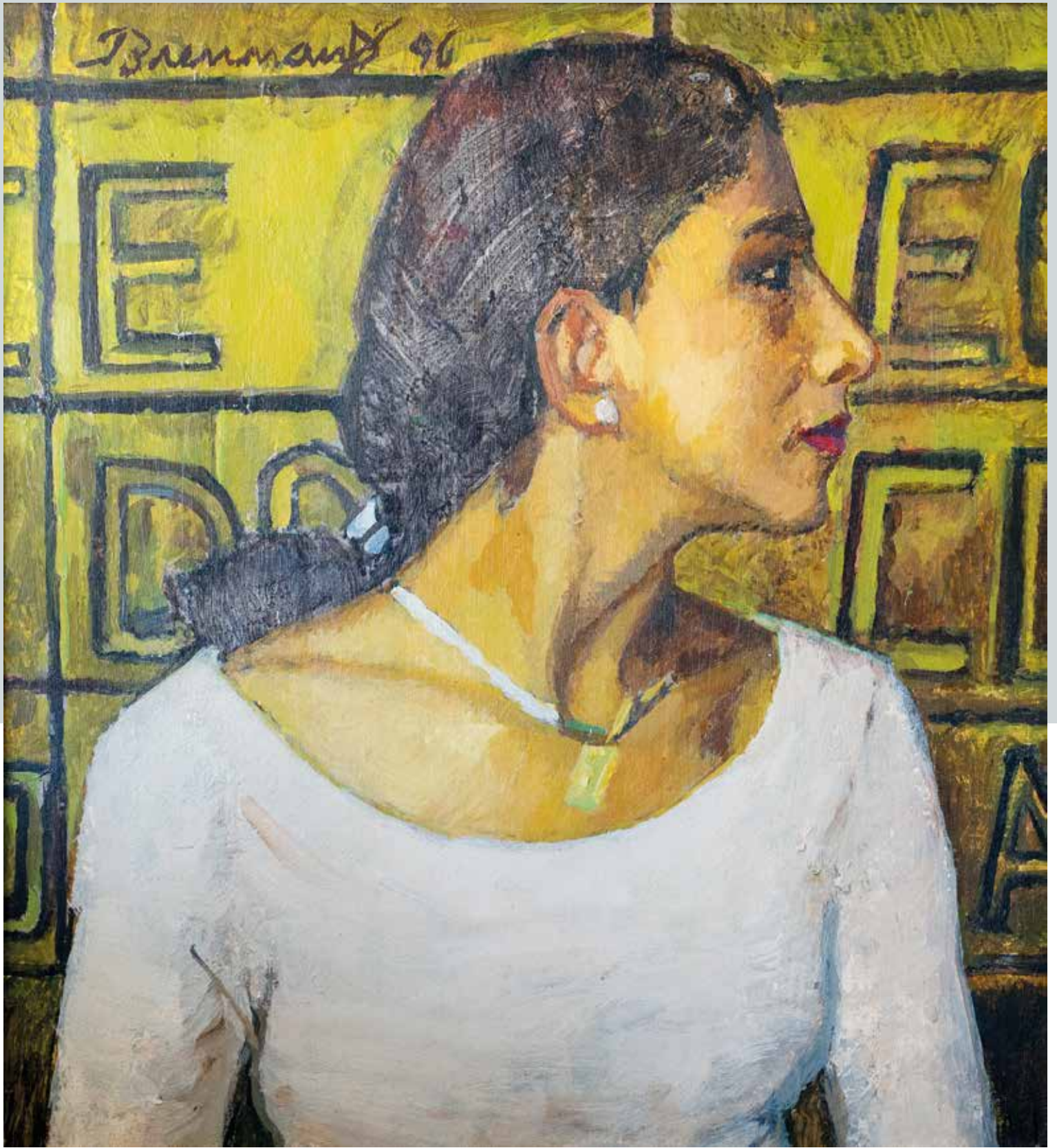
Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153098

'Guardiã com a Espada I'
Dimensão: 50,5 cm x 29,8 cm
Técnica: Acrílico sobre duratex
Ano: FB/1996
Tombo: 153122





'Cabeça de Guardiã'

Dimensão: 32,5 cm x 30 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153109



'Guardiã'

Dimensão: 30 cm x 27 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153105



Brennan 912



'Justiça' (Estudo)

Dimensão: 35,5 cm x 26,5 cm

Técnica Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153097



'Cabeça da Justiça'

Dimensão: 20 cm x 14 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153106



'Justiça'

Dimensão: 22 cm x 16 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153103



‘Juiz Togado’

Dimensão: 22 cm x 16 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153126



'Juizes'

Dimensão: 17 cm x 19 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153125



'Guardiã com a Espada II'
Dimensão: 23 cm x 16 cm
Técnica: Acrílico sobre papel
Ano: FB/1996
Tombo: 153112



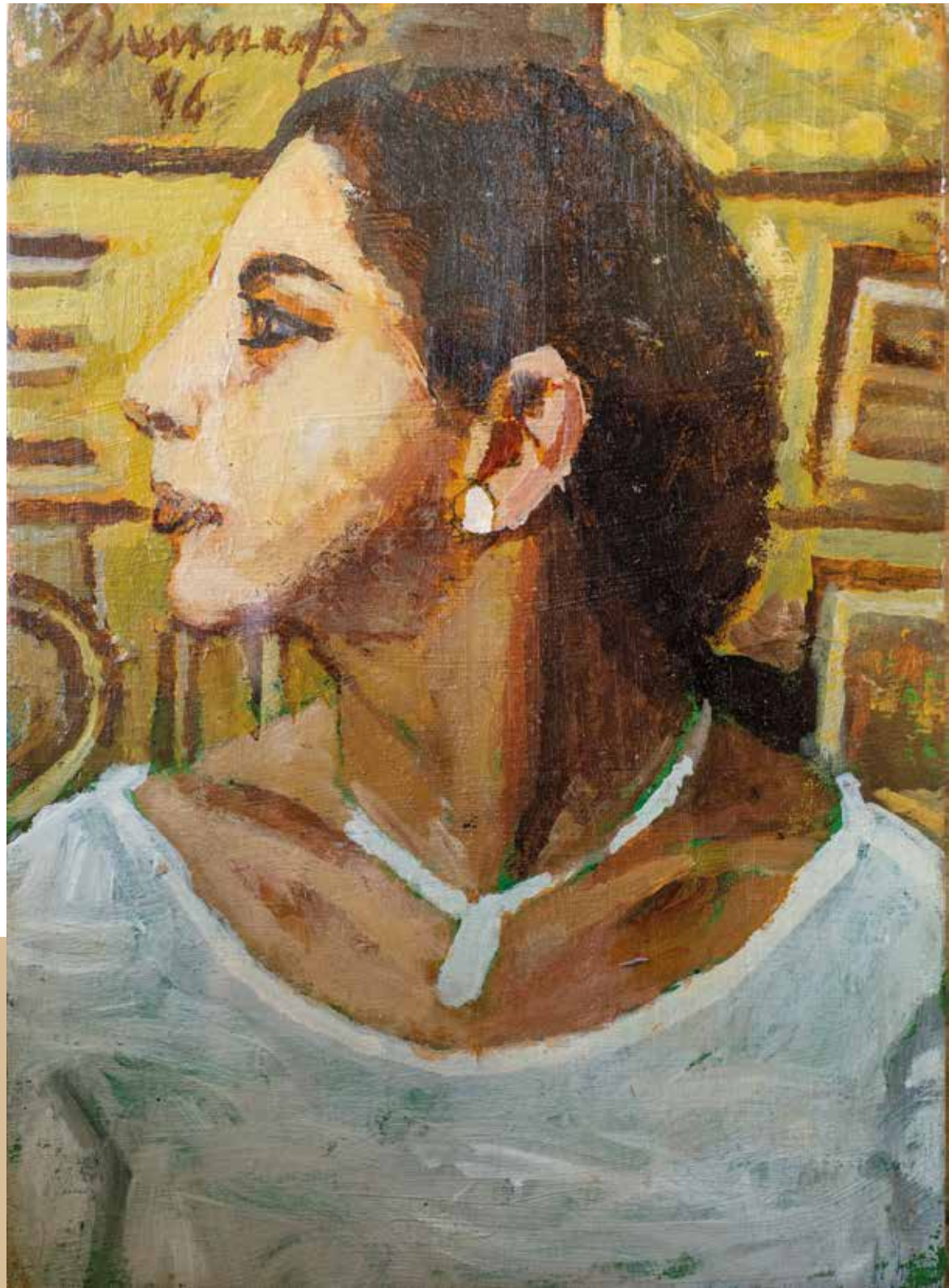
‘Guardiã I’ (Estudo)

Dimensão: 20 cm x 14 cm

Técnica: Acrílico sobre duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153120



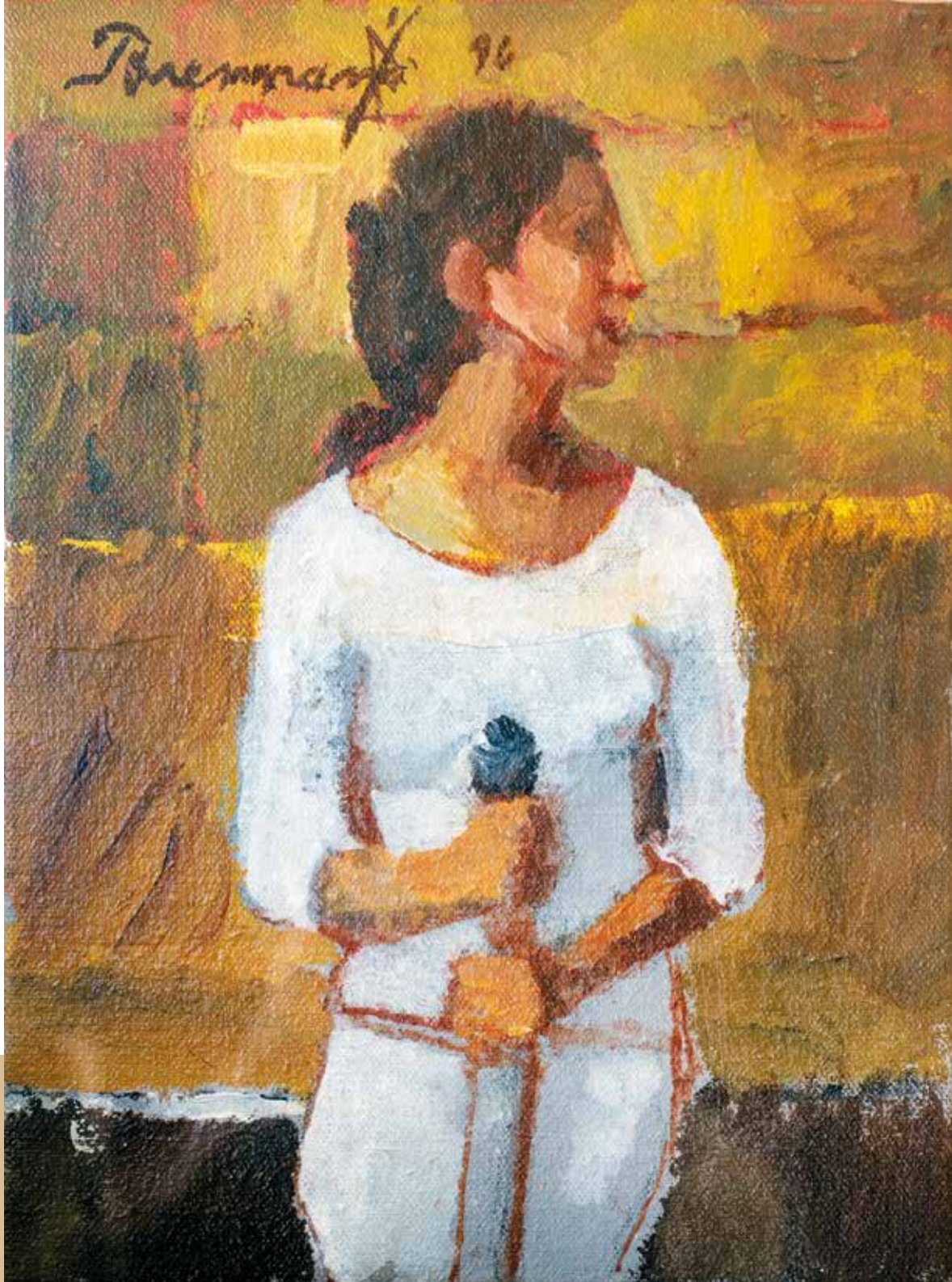
'Guardiã II'

Dimensão: 22 cm x 16 cm

Técnica: Acrílico sobre
duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153111



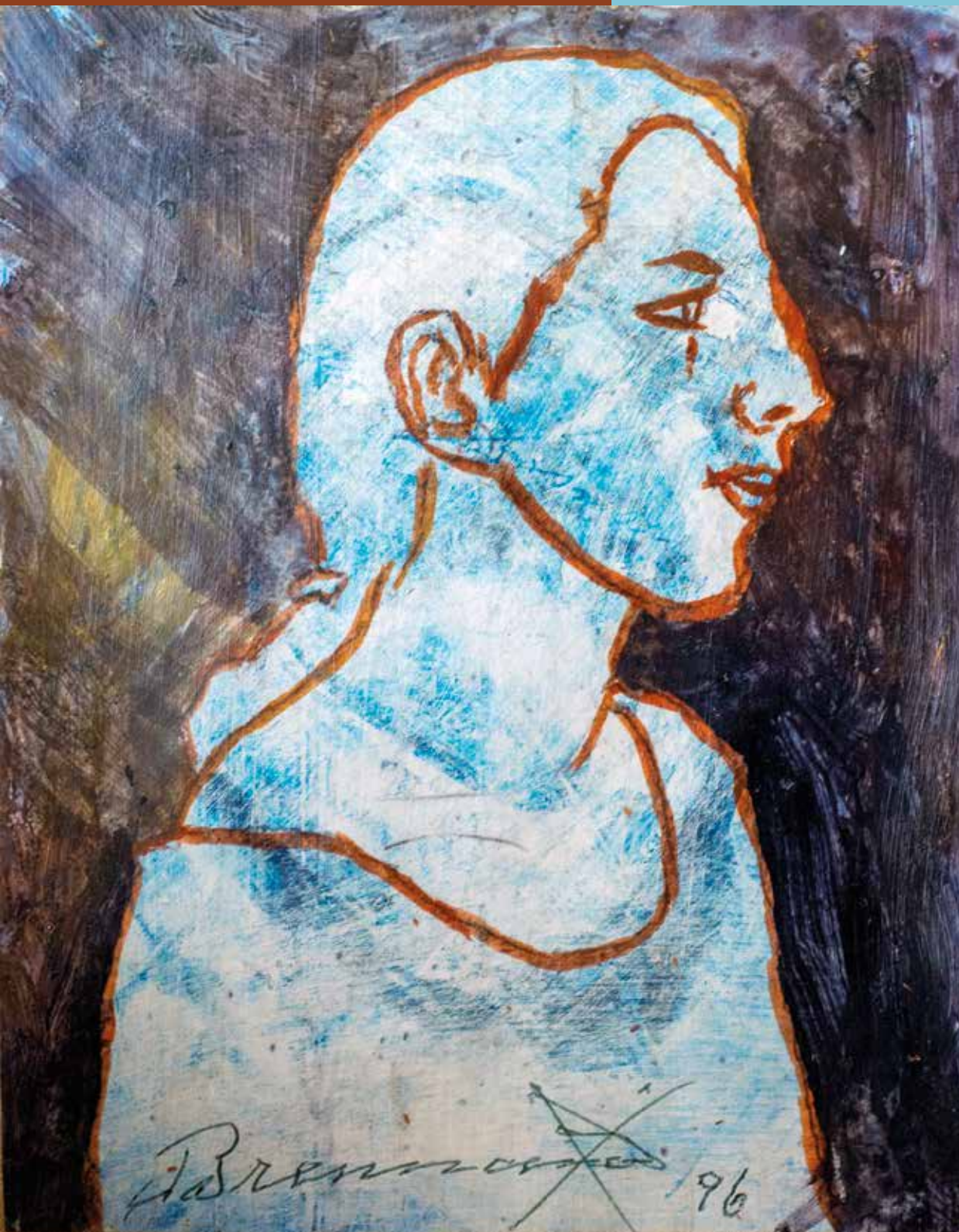
'Guardiã com a Espada II'

Dimensão: 26 cm x 19,5 cm

Técnica: Acrílico sobre
duratex

Ano: FB/1996

Tombo: 153118



'Guardiã de Perfil'

Dimensão: 21 cm x
16,5 cm

Técnica: Acrílico
sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153114



'Cabeça da Justiça'

Dimensão: 22 cm x 16 cm

Técnica: Desenho sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153108



‘Retrato de um Juiz’

Dimensão: 29,5 cm x
23,5 cm

Técnica: Desenho
sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153127



'Cabeça da Justiça'
(Estudo)

Dimensão: 51,5 cm x 22 cm

Técnica: Acrílico sobre
papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153102





'Guardiã III'
Dimensão: 20 cm x
17 cm
Técnica: Acrílico
sobre papel
Ano: FB/1996
Tombo: 153099



‘A Justiça’ (1º Estudo)
Dimensão: 21 cm x 14,5 cm
Técnica: Acrílico sobre
duratex
Ano: FB/1996
Tombo: 153100



'Guardiã IV'

Dimensão: 21 cm x 14,5 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153124

'A Justiça' (2º Estudo)

Dimensão: 22 cm x 16 cm

Técnica: Acrílico sobre
papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153101





'A Justiça' (3º Estudo)

Dimensão: 21 cm x 14,5 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153104



'Guardiã V'

Dimensão: 20 cm x 17 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153110



'Justiça Entronizada'

Dimensão: 21 cm x 13 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153107

'A Justiça se Faz' (Estudo para o 1º Mural)

Dimensão: 16 cm x 22 cm

Técnica: Desenho sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153119



Francisco Breuante

~~Breuer~~
96

'Mãos I' (Estudo)
Dimensão: 16 cm x 23 cm
Técnica: Acrílico sobre papel
Ano: FB/1996
Tombo: 153121





'Mão' (Estudo)

Dimensão: 16,5 cm x 15,5 cm

Técnica: Acrílico sobre
papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153115

'Mão' (Estudo)
Dimensão: 16 cm x 15,5 cm
Técnica: Acrílico sobre
papel
Ano: FB/1996
Tombo: 153117





‘Mão com a Espada’ (Estudo)

Dimensão: 21 cm x 14 cm

Técnica: Acrílico sobre papel

Ano: FB/1996

Tombo: 153113

Acesse outras
publicações do
Centro de Estudos
Judiciários (CEJ)



